

O espelho de François Hartog para a Mesoamérica da Conquista

Autor: Bruno Baendereck

O trabalho a ser apresentado tem aderência a uma problematização mais metodológica do que factual. Tomamos por base de análise as reflexões do historiador François Hartog contidas principalmente em sua obra “O Espelho de Heródoto”. Defendemos, assim, a possibilidade de aplicar alguns conceitos (ali trabalhados) a visões de alteridade situadas no período da conquista da capital asteca México-Tenochtitlán. Diante do encontro/confronto dos espanhóis com os povos mesoamericanos, acreditamos não incorrer em anacronismos, ou em comparações levianas atinentes ao universo clássico da Grécia Antiga, por seguir os passos propostos por Hartog no que concerne ao método de interpretação de um encontro/confronto cultural.

Em “O Espelho de Heródoto”, Hartog toma como expoente o *logos* grego, especificamente o de Heródoto frente à alteridade dos povos vizinhos (os citas, os egípcios, os fenícios, os persas, etc.) buscando entender como os gregos da época clássica poderiam praticar a etnologia (representar para si os não-gregos).

A obra nos proporciona sondar, criticamente, como um narrador faz a enunciação do Outro (entenda-se uma cultura distinta) a um destinatário “familiar”. Em outras palavras, como ele pode vir a narrar o estrangeiro a um receptor de saber compartilhado. No presente trabalho, temos o conquistador Hernán Cortés, em suas “*Cartas de Relación de la Conquista de México*” transcrevendo sua visão de uma cultura estrangeira (a mesoamericana) ao Imperador Carlos V, destinatário “familiar”, possuidor de saberes compartilhados com os seus.

É nosso propósito tratar, nesse mesmo sentido, a narrativa “*Historia de la nacion Chichimeca*” de Fernando de Alva Ixtlilxochitl, mestiço que fundamentou-se em fontes pré-hispânicas e descreveu, também à Europa, a história de seus antepassados e da conquista de México-Tenochtitlán. É importante ressaltar que essa obra fora composta a cerca de um século após a Conquista.

Vale destacar que o estudo minucioso de ambos documentos ainda está para ser feito, e nosso foco neste trabalho é principalmente demonstrar a rica possibilidade de utilizarmos o livro “O Espelho de Heródoto” como obra-chave (na questão teórica) em representação de alteridades para o recorte acima explicitado.

Para entender criticamente uma enunciação da alteridade, François Hartog elabora e fundamenta um conceito que acreditamos muito importante; aquilo que chama de “desvio sistemático”. Ele parte da premissa que “entre o narrador e o destinatário existe, como condição para tornar possível a comunicação, um conjunto de saberes semântico, enciclopédico e simbólico que lhes é comum”¹. A cultura a ser descrita/decodificada é interpretada, segundo o “desvio sistemático”, com relação ao seu homólogo no mundo do narrador. É, por exemplo, através da ótica cristã que Hernán Cortés apreende o sacrifício asteca e traduz sua alteridade.

Basicamente, ao utilizarmos o conceito aos casos de Cortés e Ixtlilxochitl, deduzimos que ambos para fazer crer no outro que constroem, elaboram toda uma retórica da alteridade. Em região de fronteira, emergem conceitos de próximo e longínquo, espaço no qual a construção da alteridade fabrica o exotismo e as versões generalizantes abundam. Parte importante da contribuição de Hartog é sobre as “injunções narrativas”. Em poucas palavras, se tomarmos o caso de Ixtlilxochitl, veremos que o apelo a essas injunções em seus textos tende a fazer do seu povo (os chichimecas, ou texcocanos) espanhol. Usa de esquemas europeus para narrar o desenvolvimento de seu povo, em alguns momentos até mesmo como se fossem espanhóis.

É de grande valia a segunda parte do ensaio, na qual Hartog mergulha a fundo na questão referente a quais são as marcas de uma enunciação do Outro e de quais são os traços gerais de uma “retórica da alteridade”. Figuras são postas em movimento pelo narrador, seja para persuadir, seja para enunciar o Outro como diferente, seja para compará-lo, classificá-lo (dando a medida “certa” desse outro) ou enfim para excluí-lo.

Pensem então o período em questão. Nas margens do século XV, há uma Europa ainda muito sofrida, tanto pela peste negra, como pela miséria e fome, trazendo inúmeras baixas demográficas. Um mundo brutal inserido na contradição, que é trazida para as sociedades pelo Renascimento e pela volta ao Humanismo. Tal contradição combina a aspiração pelo belo – idealizado – e a intranquilidade no terreno real.

A longa reconquista espanhola – de aproximadamente oito séculos de duração – fora travada nos limites da fé e expansão territorial, fronteira entre o

¹ Pg 49 ...

Cristianismo e o Islamismo. A constante presença hostil do Islã e do avanço dos turcos otomanos mina o mundo peninsular espanhol. Por outro lado, afirma-se progressivamente uma escola cartográfica, desenvolve-se a caravela e sua experiência militar é renovada a partir da reconquista de Granada. Constitui-se aos poucos e ao redor desse mundo uma sociedade inquisitiva – relacionada e debruçada “sobre o mundo que estava além de seus horizontes imediatos” – e aquisitiva, na medida em que aspira pela posse material, pelo “latejante brilho luxurioso do outro”². A Espanha tornou-se o maior Império do mundo, arriscando-se sempre nesses universos fronteiriços, seja em sua própria terra contra os árabes, seja nas costas da Barbária ou em seus feitos na África³.

Ver no índio a ociosidade anárquica é o primeiro passo à construção da visão da barbárie, do estrangeiro. A antropofagia na visão sobre rituais indígenas é um traço consolidador da bestialidade em oposição à civilidade. Espaços fora dos âmbitos civilizadores assumem o perfil do caos. O estrangeiro depositou sobre o ameríndio uma infinidade de marcas bestializadoras. O *Eu* de Hernán Cortés manifesta interesse pela alteridade com o mundo nativo, enquanto fonte de acumulação de experiências pessoais, consumação de fantasias, realização de desejos e atualização de ilusões. O percurso transforma-se num parêntese, dada – por esse ponto de vista – a imutabilidade da personagem, que não atesta senão o vazio profundo do ser, a trajetória circular da pretensa superioridade⁴, a inexperiência da diversidade humana e o desprezo pela diferença. Sua imutabilidade se dá na firme vontade de regresso ao “mundo civilizado”, ainda que Cortés afunde seus barcos, rompendo com a ponte mais imediata com o Velho Mundo. Ao adentrar neste espaço de alteridade (interior do continente americano), não se faz *aporia* (incomunicável) ao Velho Mundo, mas pelo contrário. O ato de colonizar assume o caráter de duplicação do mundo conhecido, de ocidentalização e de retorno ao velho por caminhos novos⁵.

² ELLIOT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). **América Latina colonial**. Vol.I. São Paulo: Edusp, 1998, p.135-139.

³ ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial; os conquistadores**. São Paulo: Perspectiva, 1973, p.31.

⁴ GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.163-178.

⁵ GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario: sociedades indígenas y occidentalización en el México español: siglos XVI-XVIII**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

O horizonte de volta à civilidade e sua idealização retrata bem a dificuldade em transpor a fronteira cultural, além de retratar também o desejo de justiça e do cancelamento da miséria, abundante nos fins da Idade Média.

Tratamos de direcionar a leitura das *Cartas de Relación* do conquistador Hernán Cortés e da *História de la nación chichimeca* redigida pelo cronista mestiço Fernando de Alva Ixtlilxochitl no sentido de visualizar as enunciações do Outro, especificamente do asteca (mexica), nas extensas descrições de ambos autores. Justamente nesse sentido, o de estudar a questão da alteridade, a obra de François Hartog toma maior relevância.

Antes de iniciar a abordagem dos documentos históricos descritos é necessário ressaltar o caráter geral de cada epístole: a de Hernán Cortés é fruto de uma experiência vivida, imediata, de conquista; enquanto a de Ixtlilxochitl é fruto de um longo trabalho de coleta de informações e construção de uma narrativa histórica, temporalmente muito distante do objeto narrado. Se Cortés descreve o contato com o estranho, Ixtlilxochitl o faz acerca de sua própria cultura. Nossa intenção continua sendo analisar as entrelinhas de seus discursos e com isso perceber como constroem e compreendem a civilização asteca, em época de conquista, no alvorecer do século XVI. Entre nossos objetivos secundários figura entender como os dois autores procuraram fazer-se legítimos de credibilidade, quais desvios e jogos de enunciação aparelharam para atingir as finalidades propostas nas epístoles.

Para escrevermos um pouco sobre Fernando de Alva Ixtlilxochitl, devemos ter em mente que nasceu em Tezcoco no México, por volta de 1578. É considerado um dos mais importantes cronistas indo-mestiços da Nova Espanha, descendente por linha materna dos antigos *tlatoan*⁶, o que lhe permite integrar-se à Ordem Franciscana no Imperial Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco. Assim, teve ele a possibilidade de resgatar a cultura *Anahuac*, buscando assegurar a credibilidade do leitor, e em estilo, que lhe é peculiar, de admirável eloquência. Sua escrita se insere num contexto no qual o novo sistema legal – início do século XVII – traz para o nativo a necessidade de provar direitos políticos e territoriais. Ao informar acerca da história passada, mostra reivindicações a favor de sua família e possui grande

⁶ Chefe – aquele que possui a palavra.

mérito em defender seus próprios direitos exaltando as glórias de seus antepassados⁷.

No início de sua obra, para explicar a vestimenta tolteca, o cronista mestiço utiliza-se de um mecanismo de tradução para o destinatário europeu, que François Hartog denomina como o de “comparação”: “*su vestuário era unas túnicas largas a manera de los ropones que usan los japoneses*”⁸.

Sobre o próprio nome do povoado – chichimeca – o autor elabora uma interessantíssima definição que forja um limite em relação aos mexicas:

[...] *y este apellido y nombre de chichimeca lo tuvieron desde su origen, que es el vocablo propio de esta nación, que quiere decir los águilas, y no lo que suena em la lengua mexicana, ni la interpretación bárbara que quieren dar por las pinturas y caracteres*⁹.

Em uma dessas passagens o cronista Fernando de Alva Ixtlilxochitl traduz ao leitor, utilizando-se novamente da comparação, uma bebida típica da região: pulque, “*que es su vino*”. Por outro lado não se preocupa em traduzir um tipo de representação muito peculiar aos mesoamericanos: a dos prenúncios através do sonho. Simplesmente descreve um sonho de Tezozomoc (antes de morrer), no momento em que surgia a estrela d’alva, no qual Nezahualcoyotzin (senhor tezcocano) transformava-se numa águia e com suas garras arrancava e comia seu coração. Depois virava tigre e entrava nas águas, terminando dentro das montanhas convertendo-se no seu coração. A ‘não-tradução’ tem também, segundo Hartog, um sentido de tradução. Aquilo que permanece apenas descrito é como o próprio olhar da testemunha, que teve contato e quer compartilhar esse contato quase que diretamente.

O título “*chichimecátl tecuhtli*”, dado a Nezahualcoyotzin causou controvérsias, segundo Ixtlilxochitl já que seu tio, o senhor mexicano Itzcoatzin, ficou insatisfeito julgando ter mais direito a tal título. O cronista traduz ao leitor que a atribuição de tais títulos “*es como los romanos emperadores llamarse césares*”¹⁰. Novamente temos um processo de tradução por analogia.

⁷ VAZQUEZ, Germán. Prefácio. In: **Historia de la Nación Chichimeca**. Madrid: Edición de Germán Vazquez, 1985, p.7-41

⁸ *Ibid.*, p.56.

⁹ *Ibid.*, p.58.

¹⁰ *Ibid.*, p.122.

Em um processo de descrição/explicação na qual justapõe elementos¹¹ construindo um sentido, o cronista comenta que a forma eloqüente com que os oradores ensinavam as 80 leis tirava até lágrimas. A Universidade era “*en donde asistían todos los poetas, históricos y filósofos del reino[...]*”¹². Opera ferramentas de tradução e exaltação simultaneamente.

A fim de apresentar ao leitor a experiência de uma enorme nevasca, complementa sobre a efemeridade: “*como las cosas de esta vida tienen mil mudanzas y nunca faltan calamidades[...]*”. Depois de reclamar da destruição, o cronista apresenta novamente a alteridade dos mexicas, pois em resposta a essas calamidades seus sacerdotes teriam indicado instituir o sacrifício ordinário de muitos homens a fim de aplacar a indignação dos deuses. A cidade de Tezcoco é definida como oposta a tal perspectiva: “*Nezahualcoyotzin que era muy contrario a esta opinión[...]*”¹³. Aqui podemos perceber o esforço do cronista no sentido de enunciar o Outro (mexica) como diferente, oposto. Hartog denomina este mecanismo de “diferença e inversão”. Seria como que a barbarização do Outro.

A partir da prisão de Montezuma a narrativa assume outros contornos, principalmente no que tange às qualidades negativas do senhor mexica. São as chamadas injunções narrativas¹⁴, das quais o cronista se utiliza a fim de manter coerência no esquema binário (descrito por Hartog) de enunciação do Outro, isto é, de um lado a cultura civilizada e do outro a bárbara. Sendo assim, Montezuma, de tirano diante dos tezcocanos torna-se amável perto dos espanhóis. Com a chegada dos espanhóis sua personalidade, então, muda: “*viendo una maldad tan grande tan fuera de sus pensamientos y calidad de su persona, se enojó terivelmente[...]*”. A maldade é agora inaplicável à descrição da sua personalidade. O cronista fala até mesmo de uma carta original que tem em seu poder, que desmente um pretenso plano dos mexicas de quebrar as pontes da cidade e matar os espanhóis, “*que lo cierto era que fue invención de los tlaxcaltecas y de algunos de los españoles[...]*”¹⁵. Em uma conversa entre Cortés e Montezuma o primeiro fala em pegar ouro e jóias e o “novo” Montezuma assume feições humildes e de caráter, respondendo que só

¹¹ HARTOG, François. *Op.Cit.*, 1999, p.251-270.

¹² IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. *Op.Cit.*, 1985, p.136.

¹³ *Ibid.*, p.150.

¹⁴ HARTOG, François. *Op.Cit.*, 1999, p.74-78.

¹⁵ IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. *Op.Cit.*, 1985, p.251.

não “*tocasem las plumas, porque aquel era el tesoro de los dioses y que si más oro quisiesen que más les daría.*”¹⁶.

Diante da população em geral, Montezuma é tido como medroso, covarde. Estavam “*encolerizados y tan coridos y afrentados de ver la cobardía de su rey y cuán sujeto estaba a los españoles[...]*” que mataram-no com uma pedrada. “*Así acabó desastadamente a queste podrosísimo rey; que ni después hubo en este mundo, quien le igualase en majestad y profanidad[...]. En las armas y modo de su gobierno fue justicero.*”¹⁷. Contraditoriamente, parece não mais existir aquele rei que armou para matar os senhores principais de Tezcoco e que pretendeu ambicioso reinar sozinho, matando até mesmo o grande senhor tezcocano Nezahualpiltzintli.

Da população do Iucatã, parece que a única diferença entre cada província é dada pelos gestos e pelas perfurações no corpo. Ao tratar das casas desse litoral, fala de aposentos “amoriscados”, de adoratórios e mesquitas. A referência aos mouros é evidente, num mecanismo de tradução por comparação ao mundo familiar do destinatário europeu. Inúmeras referências desse gênero, comparativo¹⁸, aparecerão ao longo da sua narrativa, legitimada por “eu vi”.

Adentrando, então, nos relatos de Hernán Cortés, temos que este inicia assim a larga descrição da alteridade indígena e seus vários desvios: para o conquistador aquelas pessoas viviam mais “*política y razonablemente que ninguna de las gentes que hasta hoy em estas partes se há visto*” e bastaria mostrar-lhes seu erro: Além do sacrifício, “*hemos sabido y sido informados de cierto que todos son sodomitas[...]*”¹⁹.

Ao adotar a nomeação ‘sodomitas’ para os mexicas, Cortés nada mais faz do que operar o mecanismo de transcrição da alteridade reduzindo ‘B’ (mexicas) ao oposto de ‘A’ (espanhóis). Cria um esquema do tipo ‘sua sodomia é o oposto de nossa heterossexualidade’.

Hernán Cortés descereve a cidade de Tlaxcala, elaborando as comparações com o universo espanhol para traduzir as formas de vida indígena. No processo de descrição do que vê, ele faz ver:

la ciudad es tan grande y de tanta admiración, que aunque mucho de lo que della podría decir deje, lo poco que diré creo que

¹⁶ *Ibid.*, p. 252.

¹⁷ *Ibid.*, p.262.

¹⁸ HARTOG, François. *Op.Cit.*, 1999, p.240.

¹⁹ *Ibid.*, p.35-36.

es casi increíble, porque es muy mayor que Granada y muy más fuerte [...], hay mucha loza de todas las maneras y muy buena, y tal come la mejor de España. [...] buena orden y policía y es gente de toda razón y concierto; y tal que lo mejor de Africa no se iguala²⁰ [...], es casi como las señorías de Venecia y Génova o Pisa[...]²¹.

Aborda também a geografia do México, descrevendo minuciosamente as lagoas, as marés, as serras, o uso das canoas. Fala das quatro entradas da cidade, pelas calçadas e que “*es tan grande la ciudad como Sevilla y Córdoba*”²². Novamente a comparação para traduzir. Comenta ser a cidade constituída metade água metade terra, já que havia lá diversos canais bem trabalhados. Haviam praças e mercados, um deles

[...] tan grande como dos veces la ciudad de Salamanca”⁸⁸. “*Hay calle de caza, donde venden todos los linajes de aves que hay en la tierra [...], hay calle de herbolarios, donde hay todas las raíces y yerbas medicinales que en la tierra se hallan [...], hay hombres como los que llaman en Castilla ganapanes, para traer cargas. [...] Venden miel de abejas y cera y miel de cañas de maíz, que son tan melosas y dulces como las de azúcar [...] y de esas plantas hacen azúcar y vino, que asimismo venden [...]. Venden colores para pintores cuantas se pueden hallar en España, y de tan excelentes matices cuanto pueden ser.*”²³

Nomear torna o objeto nomeado existente. Coisas sem nome, ou sem seu homólogo europeu, simplesmente não participam da relação: “*Demás de las [cosas] que he dicho son tantas y de tantas calidades, que por la prolijidad y por no me ocurrir tantas a la memoria, y aun por no saber poner los nombres, no las expreso.*”²⁴.

Já neste trecho Hernán Cortés qualifica os mexicas como bárbaros, mas paradoxalmente compara sua ordem na vida quotidiana tal como a espanhola:

la gente della [da cidade de Tenochtitlán] hay la manera casi de vivir que en España, y con tanto concierto y orden como allá, y que considerando esta gente ser bárbara y tan apartada del conocimiento

²⁰ A ordem de Tenochtitlán será por fim igualada à espanhola.

²¹ CORTÉS. Hernán. *Op.Cit.*, 1952, p.55.

²² Enquanto as outras cidades tinham seu tamanho comparado a Granada, Tenochtitlán merece equiparar-se a cidades mais nobres. CORTÉS, Hernán. *Op.Cit.*, 1952, p.88

²³ CORTÉS. Hernán. *Op.Cit.*, 1952, p.88-89.

²⁴ *Ibid.*, p.90.

*de Dios y de la comunicación de otras naciones de razón, es cosa admirable ver la que tienen en todas las cosas.*²⁵

É significativo o fato do conquistador Hernán Cortés nomear Tenochtitlán de *Temixtitan*. Indica a perda dos vínculos profundos expressados pelos termos lingüísticos, perda dos vínculos com a história que a sustentava. Os signos anteriores são com a conquista extirpados para dar lugar a outra significação. Ora, os mexicas foram sempre vencedores, ofensivos. Nunca Tenochtitlán fora sitiada, e seu sítio foi algo tão inusitado como a presença dos cavalos ou das armas de fogo. “*El mundo no sería el mismo para los hombres que sobrevivieron al sitio y a la derrota mexicana.*”²⁶. Quanto aos significados, desaparecia a antiga significação cósmica agregada à cidade.

Como conclusão, pudemos perceber a realização do chamado “desvio sistemático” por ambas personagens históricas abordadas, seja para persuadir ou para enunciar o Outro como diferente para o europeu. Através da ‘diferença e inversão’, nomeavam esse Outro o oposto de sua cultura. Mensurando o Outro, quiseram-se fiéis a realidade através de um critério de classificação quantitativo. Comparando, reuniram o mundo contado àquele do qual se conta. Nomeando, identificavam e até mesmo dominavam a coisa nomeada. Por fim, apenas descrevendo, ambos autores viam e faziam ver. A descrição torna-se o olho da testemunha, mesmo que no caso de Ixtlilxochitl este não tenha estado presente no contexto narrado (era como se estivesse).

Bibliografia:

BERNARD, Carmem; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo: da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia (1492-1550)**. 2ª ed. São Paulo:Edusp, 2001.

CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación de la Conquista de Mexico**. México: Puebla, 1952.

ELLIOT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). **América Latina colonial**. Vol.I. São Paulo: Edusp, 1998

GALVÁN, José Rubén Romeru. La ciudad de México, los paradigmas de dos fundaciones. **Estudios de Historia Novohispana**, Volume 20, p.13-32, 1999.

²⁵ *Ibid.*, p.94.

²⁶ GALVÁN, José Rubén Romeru. *Op.Cit.*, 1999, p.26.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992

GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario: sociedades indígenas y occidentalización en el México español: siglos XVI-XVIII.** México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. **Historia de la Nación Chichimeca.** Madrid: Edición de Germán Vazquez, 1985.

ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial; os conquistadores.** São Paulo: Perspectiva, 1973